

Plano Abortado

Primeira parte

Era uma manhã como tantas outras, dominada por uma serenidade vulgar e desleixada. Alexandra pedira um dia de folga, o que obrigou Helena a levantar-se mais cedo para preparar o pequeno-almoço.

O relógio da cozinha marcava oito horas e quinze minutos quando, em jeito de despertador, várias sirenes se fizeram ouvir. Helena, procurando ainda a totalidade da sua capacidade psicomotora, ignorou instintivamente a desordem exterior. O seu plano era executar as melhores panquecas que alguma vez experimentara, cobertas com um doce de ovos cuja receita provinha da sua bisavó. Cria-se uma mãe atenta e uma esposa atenciosa, fazendo questão de o demonstrar vezes sem conta.

A campainha tocou quando se preparava para chamar o marido e o filho. As panquecas estavam prontas. Ao abrir a porta que dava acesso ao jardim frontal da casa, Helena deparou-se com uma ambulância e vários carros do Serviço de Homicídios. Atravessou o jardim e chegou até ao portão, perto do qual a aguardava um agente da autoridade.

-Bom dia – disse ele.

-Bom dia. A que se deve este aparato?

-Chama-se Helena Abreu, correto? – Helena anuiu – Já viu o seu filho hoje, Helena?

-Ia agora mesmo acordá-lo para o pequeno-almoço. Pode dizer-me o que se está a passar, por favor?

-Helena, esta é uma notícia que ninguém quer dar, mas é minha obrigação fazê-lo. O seu filho Marco foi assassinado esta madrugada, esfaqueado múltiplas vezes no peito. Os meus pêames! – finalizou, baixando o olhar.

O corpo de Helena congelou repentinamente. O coração batia, mas quase todos os outros órgãos tentavam suicidar-se. O cérebro, esse rei vagabundo, mostrava ao seu ser imagens de um passado não muito distante, de sorrisos e intimidade. As memórias impediram uma morte interior.

-Ele está no seu quarto. O Marco está a dormir no seu quarto! – gritou, à medida que corria em direção à porta da entrada, que ultrapassou antes de se deslocar ao quarto do filho. A cama estava desfeita... a cama estava vazia.

Eduardo, pai da criança, rapidamente percorreu o corredor. Atrás de si corriam Jacinto e Sandra, de férias em casa dos Abreu.

-O que se passa? – vozeou Sandra, descontrolada.

-Morreu! Alguém matou o meu filho, mana!

A alcatifa inundou-se de lágrimas e pesar; o chão, lá fora, apenas de sangue.

A investigação no local do crime durou sensivelmente duas horas. A família foi levada para inquérito, enquanto alguns agentes tentavam encontrar testemunhas nas redondezas.

Helena, Eduardo, Sandra e Jacinto aguardavam cabisbaixos em quatro salas de inquérito diferentes. A intenção dos detetives era impedir qualquer interação entre os quatro suspeitos, entrevistando-os um a um. Começaram por Sandra.

Alexandre Teixeira tinha quase vinte anos de experiência no Serviço de Homicídios. Ainda que destemido e casmurro, gostava de se fazer acompanhar de alguém mais jovem. “É sempre positivo haver duas ou mais visões sobre o mesmo caso.”, diria. Desta vez acompanhava-o Diogo Soares, jovem de 29 anos que dava os primeiros passos como detetive.

-Bom dia – começou Alexandre. – O meu nome é Alexandre e o meu colega chama-se Diogo. Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que sinto muito o que aconteceu ao seu sobrinho. O Marco é seu sobrinho, se bem entendo...

-É sim, senhor inspetor. O Marquinho, como lhe chamo... quer dizer, chamava... Ai meu Deus, não acredito mesmo no que aconteceu. Quem mataria uma criança inofensiva?

-Neste momento é-nos impossível responder a essa pergunta, como deve entender. Gostaríamos que respondesse a algumas perguntas, de forma a percebermos melhor o que aconteceu ao seu sobrinho.

-Claro, claro – reagiu prontamente. – Estou aqui para o que for necessário. Quero saber quem fez isto ao meu menino.

Alexandre inclinou o corpo na direção de Sandra em jeito de concentração.

-Quando viu o Marco pela última vez?

-Vi-o antes de ele se ter ido deitar. Penso que eram vinte e duas horas. Sabe, ele tinha por hábito deitar-se mais cedo, mas isso muda em época de férias.

-Notou algo de estranho quando o viu?

-Não, senhor inspetor. Trocámos algumas palavras rotineiras, despedi-me dele e nunca mais o vi – uma lágrima tentava molhar a face de Sandra.

-Que palavras rotineiras foram essas?

Sandra levantou o olhar, tentando lembrar-se do que dissera ao sobrinho.

-Ele acabara de lavar os dentes e veio ter connosco à sala. Eu, o meu marido, a minha irmã e o meu cunhado estávamos a falar tranquilamente na sala quando o Marco se veio despedir de nós com um sorriso de orelha a orelha. Estava muito feliz, e posso dizê-lo com toda a convicção possível. Eu disse-lhe “até amanhã” e perguntei-lhe se ele estava a gostar da nossa presença durante as férias. Sabe, pensando nisso, a pergunta foi algo descabida. Na verdade, a ideia de lá irmos passar uns dias foi dele. A minha irmã frisou-o diversas vezes quando

lá chegámos. O Marquinho insistiu que passássemos as férias com ele... e agora aconteceu esta tragédia! Meu Deus, porquê?!

Alexandre e Diogo olharam-se por um segundo.

-Por que razão queria o Marco que passassem lá uns dias? Tinha uma relação mais próxima convosco do que com os outros tios?

-Eu e o meu marido somos os únicos tios dele. Peço desculpa se não o especifiquei. Estou muito desanimada com tudo isto.

-Notou algum comportamento estranho da parte do seu sobrinho ou outro membro da família nos últimos dias?

-Deixe-me pensar... – disse, suspirando profundamente. – Não, não me recorde de nada peculiar. Há dois dias fomos fazer canoagem e ontem um piquenique num parque que não conhecia. Correu tudo muito bem e ninguém me pareceu diferente daquilo a que estou habituada a presenciar. O meu marido teve uma crise durante o piquenique, mas isso começa a ser habitual – suspirou novamente, em sinal de tristeza. – Sabe, ele sofre de demência. Os médicos dizem que não há cura e que temos de viver com isto. Ele está lúcido oitenta por cento do tempo, mas temos de ter muito cuidado com as crises momentâneas. É um horror uma pessoa normal transformar-se num ser que desconhecemos por completo.

Os inspetores voltaram a cruzar os olhares.

-Sandra, peço-lhe que seja honesta na resposta à minha próxima pergunta. Acha possível que o seu marido tenha matado o seu sobrinho, numa crise mais intensa?

-Não! – gritou. – Nunca! Nunca o meu marido teria coragem de fazer isso. Nem na sua pior crise, inspetor. O Jacinto é a pessoa mais respeitadora e honesta que eu conheço. Não estou a dizer isto porque é meu marido, mas é a mais pura das verdades.

-Muito bem – disse Alexandre, fazendo de seguida uma pausa. – Passemos à noite passada. Ouvia algum barulho inabitual durante a noite?

-Eu tenho um sono pesadíssimo, feliz ou infelizmente. Mesmo que houvesse barulho, não teria ouvido.

-Deduzo então que não ouviria o seu marido levantar-se a meio da noite, por exemplo.

-O Jacinto nunca se levanta durante a noite. Costuma urinar mesmo antes de se deitar, o que faz com que só tenha de voltar a fazê-lo de manhã.

-Muito obrigado, Sandra. Chamá-la-ei se precisarmos de algum esclarecimento.

Os três saíram da primeira sala. Sandra deslocou-se até à entrada do edifício e os inspetores concentraram a atenção na sala ao lado, onde os esperava Jacinto. Rapidamente decidiram que seria Diogo a assumir o interrogatório.

-Bom dia, senhor Jacinto – começou Diogo, à medida que o cumprimentava. – O meu nome é Diogo Soares e este é o meu colega, Alexandre Teixeira. Deixe-me dar-lhe os pêsames pelo que se passou com o seu sobrinho. Estamos aqui para chegarmos ao assassino e pedíamos que respondesse a algumas perguntas que temos para si. Pode ser?

Jacinto parecia lúcido o suficiente, ainda que com uma expressão de desconfiança.

-Não sou de chorar – iniciou. – Não me lembro da última lágrima que os meus olhos verteram e pretendo que assim continue. Estou aqui de corpo e alma para vos ajudar. Dizem que sou maluco, mas enganam-se. Sei mais do que os que se fazem de espertos.

-Acredito em si – interrompeu-o Diogo. – Diga-me, quando viu o seu sobrinho pela última vez?

-Vivo, vi-o ontem à noite. Morto, há minutos.

-A que horas o viu ontem à noite?

-Eu não ligo a horas, amigo. Vou-me deitar quando me sinto cansado, pelo que não preciso de me enervar com a velocidade a que o tempo viaja.

-Terá sido por volta das vinte e duas horas?

-Talvez. Como lhe disse, não prestei atenção a esse pormenor.

-Muito bem. Diga-me, notou algo de estranho no seu sobrinho nos últimos dias?

-Fizemos umas atividades desde que chegámos, mas não costumo reparar se as pessoas mudam. São coisas que já não me interessam. Tenho sessenta e dois anos, sabe... mesmo que me interessasse por esses detalhes, a memória não os decoraria. Esqueço-me facilmente das coisas. Tenho um problema qualquer no cérebro, o que faz com que isso aconteça.

-Falando apenas da noite passada, lembra-se se ouviu algo estranho?

-Sei que me levantei para ir urinar. É engraçado que não me recordo de regressar à cama, mas acordei lá esta manhã, ao lado da minha esposa. Olha agora... - disse, levando a mão ao queixo – como é que lá fui parar?

Fez-se silêncio durante alguns segundos, até que Diogo retomou o interrogatório.

-Portanto, não se lembra de regressar à cama. Deixe-me perguntar-lhe algo: costuma levantar-se a meio da noite ou é pessoa de dormir até ao pequeno-almoço?

-Levanto-me quase todas as noites para ir à casa de banho. Já falei com o médico sobre o assunto e afirmei que urino sempre antes de me deitar, mas tenho uma bexiga que enche como se fosse protegida por um guarda-chuva permeável.

-E a sua esposa, tem por hábito levantar-se também?

-Se se levanta, não é para me ajudar a urinar. Ainda consigo fazê-lo sozinho.

-Peço-lhe que faça um esforço mental, senhor Jacinto. A que horas foi à casa de banho esta noite? E viu ou ouviu algo?

-Meu amigo, eu já lhe disse que não uso relógio. Estava tudo escuro, isso posso garantir-lhe. Pus a mão à maçaneta do nosso quarto e saí. Depois disso não sei que direção segui. Por vezes tenho esquecimentos destes, mas este é mais grave. Trata-se da morte do meu sobrinho e eu quero ajudar a desvendar este mistério.

-Bem, penso que podemos dar por encerrado o interrogatório – concluiu Alexandre.

Já no corredor que dava acesso às salas de interrogatório, Diogo levou a mão à cabeça e franziu o sobrolho.

-Algo não bate certo, Alexandre. Acho que ela sabe mais do que aquilo que nos contou.

-Ela... e ele.

Seguiu-se o interrogatório aos pais de Marco, Helena e Eduardo. Ambos choravam intensamente, o que seria de esperar. Sendo eles parte fulcral da vida do filho, sentiam-se de certo modo responsáveis pelo que acontecera. Ainda assim, nenhum dos dois mostrou incongruências nos discursos. Ambos se foram deitar por volta das vinte e três horas, passando antes pelo quarto de Marco para verificar que tudo estava bem. Garantem só ter saído do mesmo já de manhã, Helena para preparar o pequeno-almoço e Eduardo quando ouviu o aparato matinal.

Ainda no local do crime, o médico legista confirmava que a morte se dera entre as duas e as três da manhã. Marco fora esfaqueado quatro vezes, três no peito e uma no abdómen.

Alexandre sentia que este era talvez o caso mais complicado da sua carreira, não só porque poderia ter sido um transeunte a matar a criança, mas também porque iria precisar de algum tempo para ligar cada uma das histórias contadas pelos membros da família e descobrir o que realmente aconteceu.

-Diogo, tenta saber onde se encontra Alexandra, a empregada da família. Disseram-me que pediu folga, mas gostaria de falar com ela. Vê também se encontras os dados da professora do Marco. Pode ser que nos dê algumas indicações relevantes.

-É para já!

No terreno, os vizinhos mais próximos dos Abreu mostraram-se disponíveis para conversar. Um agente transmitia as informações que recebera a Alexandre:

-Esta rua é composta por três moradias. Consegui falar com o casal que mora mesmo em frente à casa dos Abreu. É um jovem casal que se mudou para cá há dois meses. Dizem-se muito amigos dos Abreu, com quem rapidamente

estabeleceram uma relação de afinidade. Ele chama-se Gustavo e ela Ângela. Devo dizer-te que estranhei a reação dela. Tremia bastante enquanto falava comigo e reparei até que o marido olhou de forma estranha para as mãos dela, como se não fosse habitual ela tremer daquela forma.

Alexandre ia apontando cada detalhe.

-Do que me disseram... – continuou o agente – não há nada de especial a assinalar. Ambos dormiram a noite toda e não ouviram barulho algum. Não sei se vale a pena levá-los ao Departamento, mas creio que é uma opção viável.

-Muito bem. Falaste com os moradores da terceira moradia?

-Também se trata de um casal, mas à volta dos sessenta anos de idade. Falei apenas com a senhora, que me pareceu deveras interessante. Confirmou-me que tem algo para me contar, um detalhe que nos pode ajudar.

-Interessante. Diz-lhes para passarem por cá amanhã de manhã – concluiu o inspetor.

Alexandra chegou ao departamento de homicídios por volta das dezoito horas do dia da morte de Marco. Vinha apressada e em estado de excitação.

-Com quem tenho de falar? Sou a Alexandra, a empregada da família Abreu.

Diogo aproximou-se e levou-a até uma das salas de interrogatório. Com Alexandre fora, tomou ele conta da situação.

-Aceita um copo de água?

Corpulenta, a empregada sentou-se e anuiu.

-Ah, o que nos foi acontecer! Como é possível alguém matar uma criança? Diga-me, senhor agente, onde já se viu esta barbaridade?

-Infelizmente acontece. Temos de saber lidar com a situação e encontrar o culpado. Digo-o no masculino, mas incluo os dois sexos – pausou, algo constrangido. – Alexandra, soube que pediu folga para hoje, correto?

-Sim, pedi. Tive de ir à terra festejar o aniversário da minha irmã Olga.

Diogo cruzou a perna e prosseguiu.

-Peço-lhe que não minta, Alexandra. Sei que a sua irmã Olga não faz anos hoje. Enquanto gémeas, seria também o seu aniversário. Qual foi mesmo a razão do seu pedido?

Embaraçada, a empregada baixou o olhar e respondeu:

-Peço imensa desculpa, senhor...

-Diogo.

-Peço imensa desculpa, senhor Diogo. Sabe, os meus patrões não conhecem a verdadeira razão. E eu não quero fazer-me passar por uma assassina só porque a minha irmã o é. Eu fui visitar a minha irmã Olga à prisão. Ela matou o marido à facada. Normalmente são os homens que cometem atos de violência doméstica, mas o meu cunhado sofreu muito nas mãos da minha irmã. Ela é má

como as cobras! Nunca tive grandes problemas com ela, mas sei que ela não é de confiança.

Bebeu um gole de água e continuou.

-Senhor agente, eu não quero ser considerada uma pessoa de mal. Está certamente nos genes de outras pessoas da minha família, mas não nos meus. Peço desculpa pela mentira, mas tinha receio que me considerasse delinquente.

-Alexandra, eu estou aqui para ouvir a verdade e analisá-la da melhor forma. Só isso. Diga-me uma coisa, viu o Marco antes de partir?

-Sim, ele veio despedir-se de mim. Tínhamos uma relação muito próxima. Costumávamos fazer bolos juntos, ele ajudava-me a fazer as camas, a limpar o pó... Era um menino de ouro. Talvez mimado de mais, se me permite.

-Como assim?

-Sabe, os pais querem sempre o melhor para os filhos e por vezes esquecem-se que o melhor nem sempre é o mais saudável para as crianças. O Marco tinha tudo o que queria, desde brinquedos mais recentes a dinheiro ou roupa. Não se esqueça que era uma criança de apenas onze anos. Muito inteligente, por sinal, mas em idade de se preparar para uma vida nem sempre rica em dinheiro e facilidade. Já disse isto à dona Helena e ela concordou, mas sabe como é, os pais investem-se muito na relação com os filhos.

-Compreendo o que está a dizer. Notou alguma diferença no Marco ou na sua família nos últimos dias? Mesmo um detalhe aparentemente insignificante pode ajudar-nos.

-Mas está a pensar que alguém da família matou o menino? Como é possível colocar essa hipótese em cima da mesa?

-Alexandra, até descobrimos quem cometeu este ato, todos os familiares são suspeitos.

A empregada fez uma breve pausa, mordiscando o lábio inferior.

-Está a colocar-me numa posição complicada, senhor agente. Eu posso dizer-lhe o que vejo, mas não quero que façam disso um drama e que os meus patrões sintam que os estou a trair. Digo-lhe com toda a sinceridade: eles não seriam capazes de o fazer.

-Queira então dizer-me o que viu de estranho.

-Bom, o senhor Eduardo tornou-se muito inconstante de há umas semanas para cá. Para que entenda melhor, tanto aparenta estar felicíssimo como no minuto seguinte se enerva por um detalhe minúsculo. Foi uma mudança muito radical e a senhora Helena também o notou, tendo-o comentado comigo. Não sei até que ponto isto está relacionado com a morte do menino Marco, mas a minha cabeça já deu umas quantas voltas. Seria um ajuste de contas por um problema qualquer que o senhor Eduardo tinha? Ou talvez apenas problemas no trabalho?

Diogo anotava o que Alexandra acabara de lhe dizer quando alguém bateu à porta. Alexandre regressara ao departamento e queria falar com o colega.

No corredor, as palavras foram escassas.

-Helena Abreu suicidou-se.